

**“Primórdios de Canela”: o engendramento do discurso fundador de um destino turístico**

**"Beginnings of Canela": the engenderment of speech founder of a tourist destination**

**“Los primeros tiempos de Canela”: génesis del discurso fundador de un destino turístico**

Paula Carina Mayer da Silva<sup>1</sup>

Luciene Jung de Campos<sup>2</sup>

**Resumo**

Esse estudo aborda o surgimento do Turismo no município de Canela, Rio Grande do Sul, através da análise discursiva da obra memorialística de Roger Stoltz (1992). O dispositivo teórico-analítico e metodológico é o da Análise do Discurso francesa pecheutiana. Na articulação da análise, propomos um diálogo entre os conceitos de ideologia e cultura para apresentar a noção de discurso fundador de um destino turístico. Os resultados mostram que o turismo é construído no referido município pela valorização do clima e da paisagem, sendo alavancado num segundo momento pela chegada do trem e pela implantação das primeiras madeireiras que levam à construção de hotéis. Essas condições instauram uma nova ordem de sentidos, que criam uma nova tradição, funcionando como referência básica no imaginário constitutivo do município, no enlace da cultura com a ideologia capitalista.

Palavras chave: Destino Turístico. Ideologia. Cultura. Análise do Discurso. Discurso Fundador.

**Abstract**

This study addresses the emergence of Tourism in the municipality of Canela, Rio Grande do Sul, through the discursive analysis of the literary work of Roger Stoltz (1992). The theoretical - methodological and analytical device is the French Discourse analysis pecheutiana. In the joint analysis, we propose a dialogue between the concepts of ideology and culture to present the notion of founding speech of a tourist destination.

---

<sup>1</sup> Universidade de Caxias do Sul, e-mail silvapaulinha@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade de Caxias do Sul, e-mail ljungdecampos@gmail.com

The results show that the tourism is built in the municipality by the climate and landscape appreciation, being driven, in a second time, by the arrival of the train and the implementation of the first timber that lead to the construction of hotels. These conditions establish a new order of senses that creates a new tradition, functioning as basic reference in the constituent imagination of the city, in the cultural encounter with the capitalist ideology.

Keywords: Tourist Destination. Ideology. Culture. Discourse Analysis. Founding Discourse.

### **Resumen**

Este estudio aborda el surgimiento del Turismo en el municipio de Canela, Río Grande do Sul, a través del análisis discursivo de la obra memorística de Roger Stoltz (1992). El dispositivo teórico - metodológico y analítico es el Análisis de Discurso francés pecheutiano. En el análisis, proponemos un diálogo entre los conceptos de la ideología y la cultura para presentar la noción de discurso fundador de un destino turístico. Los resultados muestran que el turismo se construye en el municipio primeramente por la apreciación del clima y del paisaje, además por la llegada del tren y la implantación de las primeras industrias madereras que conducen a la construcción de hoteles. Esas condiciones introducen un nuevo orden de sentidos que crea una nueva tradición, que funciona como referencia básica en el imaginario constitutivo de la ciudad, el vínculo de la cultura con la ideología capitalista.

Palabras claves: Destino Turístico. Ideología. Cultura. Análisis del Discurso. Discurso Fundador.

### **Introdução**

O Turismo, enquanto campo de estudo, tem recebido especial atenção de diversos autores das mais diferentes áreas: Administração, Geografia, História, Antropologia, entre outras que também agregam suas contribuições. Mais recentemente, o Turismo tem buscado um diálogo mais profícuo com a Análise do Discurso Francesa (AD).

Essa aproximação apresenta-se como uma alternativa de observar o Turismo de outro ângulo, tomando emprestadas as lentes do arcabouço teórico selecionado, que se

apresenta pela união da Linguística, do Materialismo Histórico e da Psicanálise, idealizado por Michel Pêcheux, no findar dos anos de 1960.

Um diálogo, nesta linha, já foi apresentado em alguns trabalhos, dentre os quais se destacam “Epistemologia da análise do discurso no turismo” (CORIOLANO, 2005); “O artista popular assentado no museu” (CAMPOS, 2012a) e “O museu é o mundo: intervenção na cidade e estranhamento do cotidiano nos fluxos urbanos” (CAMPOS, 2012b).

Neste estudo, em particular, abordamos o conceito de discurso fundador relacionando-o aos conceitos de ideologia e cultura. A ideologia é apresentada conforme o direcionamento dado por Pêcheux (2010) e Orlandi (2010), segundo os quais, a ideologia é entendida como o que dá sentido ao discurso, estando diretamente ligada ao sujeito, sujeito esse interpelado pela ideologia. Já, o conceito de cultura é compreendido a partir de Thompson (2002) pelo estudo e pela interpretação dos símbolos – produzidos, transmitidos e recebidos – por/para sujeitos.

Para apresentar contornos mais definidos sobre as reflexões propostas, prosseguimos com a noção de discurso fundador (ORLANDI, 2001) sustentada a partir da análise da literatura produzida sobre a relação da história do município de Canela/RS com o turismo, em especial através da obra “Primórdios de Canela/Nascente Turístico do RGS” (STOLTZ, 1992) que é a primeira em ordem cronológica e que é referenciada em outras duas obras de mesmo tema: “Canela – a reconquista de um horizonte: memórias e estratégias do sucesso” (ENGLERT, 2002) e “Canela: por muitas razões” (REIS; VEECK; OLIVEIRA, 2009).

Nessa trilha, o artigo propõe abordar as aproximações existentes entre os conceitos de ideologia e cultura, que voltados a refletir sobre o Turismo, expõem o funcionamento das práticas associadas ao fenômeno turístico e buscam compreender de que maneira se deu a construção e a constituição do turismo no município de Canela/RS, no campo do discurso, através do conceito de discurso fundador, conforme Orlandi (2001).

### **Análise do discurso: um dispositivo teórico-analítico e metodológico**

A análise do discurso é uma metodologia de análise embasada em uma região teórica bem definida. Portanto, trata-se de uma metodologia que carrega uma teoria, necessariamente. Nessa abordagem, teoria e metodologia são inseparáveis na produção de uma análise. Para fazer análise do discurso é preciso tomar o quadro epistemológico delineado por Michel Pêcheux entre o final dos anos 1960 até metade dos anos 1970 em que se juntam o materialismo histórico e a psicanálise para abordar uma linguística não positivista. Partindo dessa perspectiva, tomamos o texto como unidade linguística, não para descrevê-lo, mas para produzir uma teorização sobre o seu funcionamento e sobre suas condições de produção. Ao analisar um texto sob essas condições produzimos uma teorização sobre o discurso.

Nesta teorização, a ideia não é esgotar e dar conta de todos os aspectos envolvidos, mas chamar a atenção para determinado viés, pontuar, assinalar e aprofundar algumas dimensões do discurso através de conceitos julgados pertinentes pelo pesquisador. Segundo Mittmann (2005),

[...] colocamos a lupa diante do olho curioso, atento e determinado (nos dois sentidos: determinado a e determinado por), e começamos o trabalho de investigadores. Percorremos cada texto, relacionamos com a história, pensamos o linguístico em relação com o ideológico e com o inconsciente (MITTMANN, 2005, p.153).

No caso desta pesquisa, “determinados a” fazer uma releitura da relação entre o município de Canela e o Turismo, mobilizamo-nos a buscar, ler, selecionar, isolar e relacionar recortes de textos. Nesse sentido, transitamos por três obras que compõem nosso arquivo: “Primórdios de Canela/Nascente Turístico do RGS” (STOLTZ, 1992) que é a primeira em ordem cronológica e que é referenciada em outras duas obras de mesmo tema: “Canela – a reconquista de um horizonte: memórias e estratégias do sucesso” (ENGLERT, 2002) e “Canela: por muitas razões” (REIS; VEECK; OLIVEIRA, 2009). Dentre essas três obras, decidimos recortar a obra de Stoltz (1992)

para análise, em função de servir de referência bibliográfica para as outras duas, optando por esse campo discursivo que define nosso caminho.

E “determinados por” esse quadro epistemológico da Análise do Discurso é que tomamos o livro de Stoltz (1992), enquanto texto, portanto, unidade de análise discursiva. Uma materialidade discursiva a ser pensada a partir do aparato teórico concernente. Para refletir sobre a obra de Stoltz (1992), optamos pelo conceito de discurso fundador, tal como havia sido trabalhado anteriormente por Orlandi (2001).

Porém, não se trata meramente de aplicar o conceito de discurso fundador, mas de deslocá-lo para o campo do Turismo, provocando uma tensão na tentativa de reteorização e de contribuição tanto no campo da Análise do Discurso, quanto no campo do Turismo. Nessa empreitada, optamos por relacionar o conceito de discurso fundador a outros dois conceitos: o conceito de cultura e o conceito de ideologia. A Análise do Discurso, diferentemente da Análise do Conteúdo, não trabalha com categorias. Trabalhamos com “confrontação de séries arquivistas, regimes múltiplos, circulação e leitura de textos” (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 1997, p.164).

Pêcheux (1997) aborda a pretensa oposição entre literatura e ciência, bem como as contradições inerentes a cada uma no tratamento de um arquivo e o uso que uma faz da outra e o uso que o poder local faz das duas. Aponta as diferenças encontradas na leitura de documentos que produzem conflitos em discussões sobre temas, recortes e métodos.

Mittmann (2005, p.154) enfatiza que o compromisso político do analista do discurso diante de seu objeto de estudo e da sociedade, ao propor a metodologia de análise não pode ser de um “copista reafirmador” de consensos de objetividade e de dizeres legitimados, mas de abordar processos discursivos que são deixados de fora, esquecidos e denegados. Trata-se de uma relação do analista com o texto e o arquivo de contínua desconstrução e reconstrução, de desestabilização e reestabilização, sem a pretensão de fechamento e esgotamento do tema.

### **Turismo, ideologia, cultura: conceitos que dialogam**

O turismo apresenta-se como um fenômeno econômico, político, social e cultural dos mais relevantes neste princípio de século XXI, seja pelo aumento no tempo livre disponível à realização de atividades ligadas ao lazer e ao ócio; seja pela necessidade humana de se refugiar em outros espaços geográficos que não façam parte de seu cotidiano (ARRUDA *et al.*, 2013), por esse motivo, nos últimos anos, o turismo vem debruçando-se sobre um fator fundamental sem o qual não poderia existir, o deslocamento.

Apesar de termos alcançado muitas conquistas com as pesquisas turísticas, as mesmas, indicavam variadas práticas que ainda deveriam ser exploradas em novos estudos, abrangendo dessa forma, novos desencadeamentos. Por isso, ao deslocamento, somaram-se a prática econômica, mais voltada ao lazer e ao entretenimento e as práticas sociais e culturais, relacionadas às necessidades dos visitantes (DIAS, 2013).

Contemporaneamente, existe a tendência de os deslocamentos turísticos convencionais cederem espaço para uma nova forma de turismo, caracterizado por viagens mais flexíveis e que envolvam experiências pessoais, sociais e culturais autênticas, em oposição ao turismo de massa, que tende a uniformizar os locais visitados e as preferências dos turistas (ARRUDA *et al.*, 2013).

O deslocamento destaca-se como um aspecto relevante tanto do conceito de turismo que tem acompanhado as mudanças de sentido que vem ocorrendo ao longo da sua evolução histórica, quanto do conceito de destino turístico que pode ser compreendido segundo Dias (2013, p.75) como um município que "recebe visitantes que para lá se dirigem para passar um período".

Os municípios considerados destinos turísticos dispõem de diversos recursos turísticos, isto é, espaços naturais, museus, manifestações culturais e folclóricas, programações artísticas, desportivas e feiras de negócios, para chamar a atenção dos seus visitantes. Contudo, além dos recursos turísticos mencionados, esses visitantes também podem buscar a hospitalidade proporcionada pelos residentes do município – uma das principais interações que pode ocorrer no local de destino (DIAS, 2013).

Para muitos autores, o turismo por ser uma atividade basicamente econômica, possui um mercado bastante característico, direcionado para as novas necessidades

sociais das pessoas. E, como consequência disso, o turismo a partir do momento que se instituiu como uma necessidade social passou a ter seus recursos turísticos acrescidos de valores (DIAS, 2013).

Valores que podem se distinguir de duas maneiras. Uma chama-se valorização econômica e diz respeito ao "processo através do qual é atribuído às formas simbólicas um determinado 'valor econômico'" (THOMPSON, 2002, p.203), isto é, um valor pelo qual elas poderiam ser comercializadas em um mercado. Para exemplificar, temos o que ocorre com os recursos do turismo no mercado turístico.

A outra é chamada de valorização simbólica e se refere ao "processo através do qual é atribuído às formas simbólicas um determinado 'valor simbólico'" (THOMPSON, 2002, p.203), seja pelos sujeitos que as produzem, seja pelos que as recebem, no caso do turismo, os visitantes são considerados os sujeitos que as recebem.

Antes de prosseguir, devemos indicar que as formas simbólicas, estão sendo aqui abordadas segundo a concepção de Thompson (2002, p.183), que as considera "uma ampla variedade de fenômenos significativos, desde ações, gestos e rituais até manifestações verbais, textos [...] e obras de arte", além desses, acrescentamos ao conjunto, os recursos turísticos.

Assim, para que os fatos significativos possam se constituir enquanto formas simbólicas pressupõe-se que eles sejam produzidos, construídos ou empregados por um sujeito para outro sujeito ou sujeitos e/ou que eles sejam percebidos como produzidos pelo sujeito ou sujeitos que os recebem (THOMPSON, 2002). Portanto, transpondo para o turismo teremos ambos os sujeitos, produtores e/ou receptores, interpretando e significando as formas simbólicas dessa atividade.

Se para Thompson (2002, p.190) "as formas simbólicas são construções que tipicamente representam algo, referem-se a algo, [ou] dizem algo sobre alguma coisa". O que reforça essa ideia ainda segundo o autor é que "os indivíduos não absorvem passivamente formas simbólicas, mas ativamente e criativamente, dão-lhes um sentido e, por isso, produzem um significado no próprio processo de recepção" (THOMPSON, 2002, p.201), baseando-se, sobretudo, em recursos, regras e esquemas a eles disponíveis.

De acordo com Pêcheux (1995), o discurso não se sustenta sem sujeito, assim como, o sujeito não se sustenta sem ideologia, isto porque, “a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos” (PÊCHEUX, 2010, p.146), “e é assim que a língua faz sentido” (ORLANDI, 2010, p.17).

Para Thompson (2002, p. 185),

[...] a produção, construção ou emprego das formas simbólicas, bem como a interpretação das mesmas pelos sujeitos que as recebem, são processos que, caracteristicamente, envolvem a aplicação de regras, códigos ou convenções de vários tipos.

Dessa forma, tanto os estudos discursivos irão procurar entender como a língua produz sentidos, através do trabalho simbólico, como parte do trabalho social, que é constitutivo do sujeito e da sua história, tornando-o capaz de significar e significar-se, a partir dos movimentos à sua volta (ORLANDI, 2010), quanto o estudo da cultura estará “essencialmente interessado na interpretação dos símbolos e da ação simbólica” (THOMPSON, 2002, p.166).

Nesse contexto, apresentamos a chamada concepção estrutural da cultura, formulada por Thompson (2002, p.181) que visa

[...] o estudo das formas simbólicas – isto é, ações, objetos e expressões significantes de vários tipos – em relação a contextos e processos historicamente específicos e socialmente estruturados dentro dos quais, e por meio dos quais, essas formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas.

Com isso, dirigimo-nos, mais uma vez a Pêcheux (2002) para enunciar que as formas simbólicas possuem aparências logicamente estáveis, remetendo para o que é evidente, certo e coerente, através de “sentidos já dados, estabelecidos e estabilizados” (ORLANDI, 2012, p.93). Entretanto, cabe à AD, buscar desestabilizar essas estruturas estáveis, trabalhando nas lateralidades, mexendo nas filiações de sentidos, afinal, “os sentidos sempre podem ser outros” (ORLANDI, 2012, p.93).

Ao pensarmos a linguagem discursivamente, nem tudo significa um movimento de retorno ao mesmo, ao já-dito. A linguagem funciona mediante uma tensão entre paráfrase e polissemia, ou seja, todo discurso é produzido a partir de uma relação entre o mesmo e o diferente. Logo, desvendar como os discursos funcionam requer considerar um ‘duplo jogo da memória’ que, pelo esquecimento, tanto

pode reproduzir e cristalizar o mesmo quanto torna possível o diferente. Os processos parafrásticos estão relacionados à memória institucionalizada (o arquivo) que conduz à estabilização. Refere-se àquilo que em todo dizer se mantém, ou seja, o dizível. Já a polissemia está do lado da memória constitutiva (o interdiscurso) aquilo que também pelo esquecimento permite um deslocamento, a elaboração de um outro, a ruptura de processos de significação (SANTOS, 2009, p.4).

Para melhor explicar essa passagem, apresentamos uma frase de Geertz, que Thompson (2002, p.175) traz em seu livro, que diz:

[...] o homem [sujeito] é um animal suspenso em teias de significados que ele mesmo teceu, entendo a cultura como sendo essas teias, e sua análise, portanto, como sendo não uma ciência experimental em busca de leis, mas uma ciência interpretativa em busca de significados.

Significados que serão incorporados nas formas simbólicas, “em virtude dos quais os indivíduos comunicam-se entre si e partilham suas experiências, concepções e crenças” (THOMPSON, 2002, p.176). Crenças que se afirmam pela ideologia, através do “estudo dos modos pelos quais o significado mobilizado pelas formas simbólicas serve, em circunstâncias específicas, para estabelecer, manter e reproduzir relações sociais” (THOMPSON, 2002, p.203). Ou seja, é a partir dos significados que a ideologia e a cultura se aproximam e se imbricam, constituindo um discurso fundador.

### **O discurso fundador do destino Canela/RS**

O sentido das formas simbólicas que nos interessa nesse momento, é o que está inserido no contexto social que compreende “um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos” (THOMPSON, 2002, p.79).

Apresentamos, então, os sentidos veiculados na obra de Stoltz (1992) que adquire forma simbólica relacionada a um contexto e a processos historicamente estruturantes. É nesse sentido que ela é tomada como materialidade para a construção da história do destino turístico Canela/RS. Pois a obra de Stoltz (1992) é produzida, transmitida e recebida por outros autores, onde se pode observar a institucionalização da

memória sobre o município, estabelecendo, pois, retomada de sentido, que conduz à estabilização da memória, estabelecendo assim uma estruturada de retorno ao arquivo conhecida por redes parafrásticas, que conduz à estabilização e sustentação de um saber.

Cabe salientar ainda, que a obra "Primórdios de Canela/Nascente Turístico do RGS", de Roger Stoltz (1992), além de ser uma epopeia sobre Canela/RS, é também um discurso memorialista, pois lida com referentes reais situados no passado (VASCONCELOS, 2011).

A obra é a matéria, ou melhor, é a "materialidade simbólica que serve exemplarmente na construção de uma origem 'outra'" (ORLANDI, 2001, p.14).

Conforme Pêcheux (2002, p. 9), desse modo,

[...] dá uma função heurística ao fato de que a história 'aparenta' o movimento da interpretação do homem diante dos 'fatos'. Por isto a história está 'colocada'. E a Análise de Discurso trabalha [...] [portanto] no lugar desse 'aparentar', criando um espaço teórico em que se pode produzir o 'deslocamento' dessa relação, desterritorializando-a.

A partir das palavras de Pêcheux, partimos do princípio, de que a história é inventada. E, para justificar nossa consideração, levamos em conta também, as exigências de legitimação propostas por Thompson (2002, p. 83) para a narrativização, que visam, sobretudo, que

[...] essas exigências [...] [estejam] inseridas em histórias que contam o passado e tratam o presente como parte de uma tradição eterna e aceitável. De fato, as tradições são, muitas vezes, inventadas a fim de criar um sentido de pertença a uma comunidade e a uma história que transcende a experiência do conflito, da diferença e da divisão.

Com isso, a simbolização pressupõe uma ligação com "o processo de narrativização, na medida em que símbolos de unidade podem ser uma parte integrante da narrativa das origens que conta uma história compartilhada e projeta um destino coletivo" (THOMPSON, 2002, p.86).

Entendemos a obra de Stoltz (1992) enquanto materialidade, mas também, enquanto discurso fundador. E para essa afirmação, assumimos como ponto de partida, o que foi definido segundo Orlandi (2001) como discurso fundador, uma vez que são esses discursos que funcionam como referência básica no imaginário constitutivo do município.

O discurso fundador é aquele em que a comunidade se reconhece enquanto personagem a partir da sua significação, sendo capaz de produzir sentidos. E, para produzir sentidos, ele deve ser entendido inicialmente, enquanto um fio de instauração do novo, como menciona Orlandi (2001). É a partir da “instauração de uma nova ordem de sentidos” (ORLANDI, 2001, p.13), que se poderá caracterizá-lo como fundador, pois assim, estará se criando uma nova tradição, ressignificando o que veio antes e instituindo uma memória outra. Sendo esse, “um momento de significação importante, diferenciado” (ORLANDI, 2001, p.13).

Assim, o discurso fundador, enquanto tal estabelecerá uma relação particular com a filiação, sendo essa, uma das suas características. Pois, ao criar uma tradição de sentidos que se projetam para a frente e para trás, trazendo o novo para o efeito de permanente, esse se instala inevitavelmente. Sendo talvez esse efeito que o identifica como fundador, ou seja, a eficácia em produzir o efeito do novo que se arraiga, no entanto na memória permanente (sem limite). Produzindo, desse modo, o efeito do familiar, do evidente, do que só pode ser assim (ORLANDI, 2001).

Contudo, para que se produza esse deslocamento de sentidos, deve haver “um outro lugar de sentidos estabelecendo uma outra região para o repetível (a memória do dizer), aquela que a partir de então vai organizar outros e outros sentidos” (ORLANDI, 2001, p.15). E é a essa região do repetível, essa memória do dizer, que poderemos chamar de discurso fundador. Uma vez que “dar sentido é construir limites, é desenvolver domínios, é descobrir sítios de significância, é tornar possíveis gestos de interpretação”, conforme observa Orlandi (2001, p.15).

Nesse momento, acrescentamos ao conceito de discurso fundador, a noção de historicidade que, mostrando sua especificidade, seu aspecto paradoxal, “constrói o gesto de interpretação e, ao mesmo tempo, é ela própria interpretativa, porque sua matéria é simbólica” (ORLANDI, 2001, p.15).

Orlandi (2001, p.16) salienta que em uma situação de linguagem como no “discurso fundador [...] já não conta nem mesmo a noção de verossímil”. Com isso, não poderíamos “deixar de acentuar que a inadaptação é essencial para fundar o novo, para assim se reconhecer como dominante” (ORLANDI, 2001, p.16).

“O fundador busca a notoriedade e a possibilidade de criar um lugar na história, um lugar particular. Lugar que rompe no fio da história para reorganizar os gestos de interpretação” (ORLANDI, 2001, p.16-17). Para isso, o fundador se desloca em um “terreno fértil [...] que confunde a realidade, a imaginação (a ficção, a literatura) e o imaginário (a ideologia, o efeito de evidência construído pela memória)” (ORLANDI, 2001, p.16-17).

E é exatamente aí que a marca discursiva do discurso fundador irá aparecer, pois se institui na construção do imaginário necessário para dar uma cara a um município em formação; para constituí-lo em sua especificidade como um objeto simbólico. A noção de discurso fundador é o que liga a formação do município à formação de uma ordem de discurso que lhe dá uma identidade.

Entretanto, para bem avaliar a função fundadora dessa obra é interessante observar uma das suas características que deve indicar que os discursos sobre ela o apontam como tal. São outras obras que a definem nesse lugar: como primeira obra, que é o que ocorre com a obra que conta a história de Canela. Desse modo, passamos a expor as características desses discursos sobre os “Primórdios de Canela/Nascente turístico do RGS” como parte da sua instituição como discurso fundador da territorialidade, pois o discurso sobre ele estabelece um lugar interpretativo da fundação. Uma vez que ele se liga de maneira intrínseca ao que construímos, pois, o que nos interessa, nesse momento, é a cenografia discursiva. A encenação aí representa o tempo, o espaço, e finalmente os personagens (o agora, o aqui e o eu) canelenses: é uma conversa encenada em Canela e isso lhe dá seu sentido.

Segundo Orlandi (2001) o que define o discurso fundador é uma ruptura. E essa ruptura é um deslocamento que instala a metáfora. “Isso porque no discurso fundador opositor não existe: a história é no agora” (ORLANDI, 2001, p.22).

O discurso fundador é aquele que instala as condições de formação de outros sentidos, filiando-se à sua própria possibilidade, instituindo em seu conjunto um complexo de formações discursivas, uma região de sentidos, um sítio de significância que configura um processo de identificação para um município, no presente.

### **Os primórdios do destino Canela/RS**

Agora, estamos prontos para mergulhar nos sentidos produzidos por Stoltz (1992) para Canela. Parafrazeando Stoltz (1992), para poder retratar Canela, primeiro é necessário voltar no tempo em terra gaúcha, há mais ou menos 385 anos...

Em meados do século XVII, no território em que hoje se localiza Canela, habitava um grupo indígena denominado Guaianás. Possuíam hábitos e costumes próprios de seu povo. Atendiam também pelo nome de Kaingang, que foi adotado para denominar os índios não Guaranis em alguns Estados brasileiros, inclusive no Rio Grande do Sul. Seus descendentes ainda transitam por esse território, mantendo vivas suas marcas e sua própria existência. Em 1633, os Guaianás entram em contato com os Guaranis (STOLTZ, 1992).

E, no ano seguinte, nesse mesmo território começam a circular os tropeiros com seus rebanhos bovinos ou cavалares, dirigindo-se à Região Sudeste do país, ou à Região das Missões no Noroeste do Rio Grande do Sul. Os municípios de Vacaria, São Francisco de Paula e Santo Antônio da Patrulha tiveram início a partir da estrada que por eles era utilizada. No território de Canela, não passava nenhuma estrada, entretanto, seu campo era usado como ponto de encontro e descanso. Contudo, o que chamava a atenção nele, era uma frondosa caneleira que lá existia. Árvore que através dos tropeiros deu nome ao campo – Campestre Canella (STOLTZ, 1992).

Data de 1781, o registro do primeiro morador do território denominado Fachinal onde o campo de Canela estava incluído. Após a morte do primeiro morador, o campo passa a pertencer a sua esposa, que o vende a um interessado. Entretanto, uma herança fará com que o campo se destine a um terceiro dono. E novamente o campo é vendido, estando agora nas mãos de seu quarto dono, o ano é 1817. Com a morte desse então dono, o campo passa a pertencer a sua esposa, que o repassa ainda em vida a um de seus filhos e ao esposo de sua neta. E por fim, após a morte dos seus últimos donos, o campo ainda permanece circulando entre as posses da quarta família que o comprou (STOLTZ, 1992).

Todavia, há uma informação importante a se acrescentar, o Império, na época, não considerava o campo de Canela como pertencente ao Fachinal, o que facilitou a obtenção do referido campo, em 1821, pelo seu primeiro dono. Com a sua morte, o campo de Canela, passa a pertencer à sua filha. A atual segunda dona, "empresta" o campo para um imigrante alemão para que lá se estabeleça com sua família. Entretanto, a dona do campo, decide vendê-lo a um conhecedor da região, que se torna seu terceiro dono. A família alemã é então obrigada a deixar o local onde estava residindo, e buscar um novo local para se estabelecer. O lugar por eles escolhido, denomina-se Caracol. E assim, apesar de todo esforço dispensado pelo terceiro dono para legitimar esse campo como seu, ele o vende e seu comprador se torna o quarto dono do tão disputado campo de Canela. Porém, o quinto dono do campo de Canela, foi o que mais visibilidade recebeu, e a ele coube o título de fundador de Canela - João Corrêa Ferreira da Silva, que após anos de persistência, conseguiu adquirir as terras que tanto desejava (STOLTZ, 1992).

Ambos os campos, Fachinal e Canela, após longos anos de disputa, enfim, estavam nas mãos de seus últimos donos, contudo, o século XX estava iniciando e com ele mudanças estavam por vir. Os dois campos foram, aos poucos, sendo vendidos ou loteados por seus donos, multiplicando assim, a posse desses territórios. Esse mesmo processo de venda de terras ocorreu no Caracol, território que pertenceu à família alemã, citada anteriormente.

Após as vendas dos terrenos nesse território, houve um aumento na circulação de pessoas por aqueles campos. E, com o passar do tempo, essas pessoas "começaram a trabalhar com madeira, atividade que dava bom lucro" (STOLTZ, 1992, p.89).

Na verdade, a abundante madeira existente e de boa qualidade não pertencia à Canela. São Francisco de Paula e Espigão Preto eram os principais fornecedores da matéria-prima. Assim as serrarias davam os novos ares do futuro para a localidade. O que acontecia de fato em Canela, com as serrarias e a passagem da madeira por ali, era pura e simplesmente o beneficiamento das toras. Cortá-las e tratá-las dando o formato de tábuas para que seguissem viagem, na maioria das vezes, com destino à exportação. [...] O grosso do dinheiro ia para outras localidades, mas beneficiar a madeira projetava muitos empregos e um trabalho, senão na mesma proporção, igualmente rentável (ENGLERT, 2002, p.28).

Contudo, devemos chamar a atenção para o último fato relatado, que diz respeito ao início dos trabalhos com a madeira em Canela. Pois, nos perguntamos, seria o beneficiamento tão prejudicial à natureza, assim como o era a extração?

O beneficiamento de madeira no início do século XX, não fazia uso de produtos químicos como atualmente, porém, seu resultado também causava certo impacto ao ambiente, uma vez que essa atividade produzia serragem e pó como seus resíduos finais (DE CONTO, 2012).

Apesar dessa constatação, a industrialização que estava se aproximando, já podia ser vista com a instalação das serrarias, quando “o Caracol desenvolveu-se, antes mesmo da expansão da cidade de Canela” (STOLTZ, 1992, p.69), que ocorreu, “principalmente com a vinda da Companhia Florestal Rio-Grandense [ou somente, Cia. Florestal], no ano de 1912” (STOLTZ, 1992, p.89).

Porém, apenas no ano seguinte a Companhia Florestal, “subiu a serra com a intenção de lá comprar terras nas redondezas do Caracol e construir uma serraria experimentalmente” (STOLTZ, 1992, p.90). Sendo assim, “logo em seguida a Cia. Florestal enviou gente e material para o Caracol, onde foi construída uma serraria que deu bons resultados” (STOLTZ, 1992, p.90).

Foi decidido pela Cia. Florestal instalar, no total, cinco serrarias. Iniciaram-se as localizações e construções de estradas de rodagem e serrarias para madeira de pinho. Foram feitas estradas desde a localidade do Caracol até Banhado Grande, Esteinho, Tubiana e uma que seguia do Caracol até Gramado. Eram estradas de chão batido (STOLTZ, 1992, p.90).

O impulso estava dado e a movimentação cada vez mais aumentava. “O ramo das madeiras ia cada vez melhor, [...] e a vida melhorava no Caracol” (STOLTZ, 1992, p.91). Aproveitando o crescimento econômico, algumas famílias decidiram erguer casas de comércio, e assim, aos poucos, novos estabelecimentos comerciais começaram a surgir.

Em 1918, a Cia. Florestal possuía um depósito de madeira em Gramado de onde a mesma seguia até a ferrovia partindo em direção a Porto Alegre. Com o passar dos

anos, conforme o trem se aproximava, as distâncias percorridas pelas cargas de madeira em transporte rodoviário até a capital diminuía.

Os anos iam seguindo e como diversão, “em 1920, foi feita uma cancha de três quadras para carreiras de cavalo” (STOLTZ, 1992, p.92), as pessoas vinham de vários locais para participar em um determinado domingo por mês.

A movimentação aumentou em uma proporção jamais imaginada, havendo “a necessidade de mais pensões para atender os trabalhadores e clientes das serrarias” (STOLTZ, 1992, p.92). E assim, “a industrialização da madeira deu início ao movimento turístico de Canela” (STOLTZ, 1992, p.92). “As poucas pensões existentes entre 1913 a 1915 eram pequenas demais e praticamente só serviam para repouso” (STOLTZ, 1992, p.92).

Nesse momento, inserimos ao texto um fato muito importante, a inauguração do turismo. Entretanto, lembramos que, para se constituir enquanto fato, ele traz consigo a questão da historicidade (ORLANDI, 1996). A historicidade se estabelece pela ligação da história, enquanto contexto, aos sentidos que foram produzidos no texto (ORLANDI, 2010). Porém, esse fato só recebe a devida importância quando seus dados, como objetos empíricos da linguagem e, portanto, quantificáveis, se significam, se deslocam. Uma vez que esses fornecem sentidos que podem ser inseridos no discurso, remetendo à memória discursiva, que só se compõe enquanto tal, através dos dados empíricos, resultado “já de uma construção, de um gesto teórico” (ORLANDI, 2010, p.38). Que por sua vez, abre “a possibilidade de se trabalhar o processo de produção da linguagem e não apenas seus produtos” (ORLANDI, 2010, p.36). Ou seja, “a noção de dado é, ela própria, um efeito ideológico” (ORLANDI, 2010, p.44) e cabe à análise de discurso procurar desconstruir as evidências, explicitando seus modos de produção.

### **As veredas turísticas do destino Canela/RS**

Com as novas possibilidades que surgiram, Alvino Sonnenstrahl, que possuía uma singela pensão, resolveu construir no seu lugar, um hotel.

A inauguração foi em 1916 e era um dos pioneiros no Estado, localizado numa região de difícil acesso e comunicação. Não havia fornecedores de material suficiente para manter um hotel nas devidas condições, mas isso foi resolvido com o cultivo próprio de hortaliças variadas e tambos para o fornecimento de leite. O hotel se utilizava das águas dos arroios e tinha iluminação própria a carbureto. Para os veranistas o hotel oferecia canchas para esportes, cavalos de aluguel para passear pelo Caracol, natação em uma piscina natural no poço do arroio Caracol e, ainda, uma orquestra própria para entreter os hóspedes. Quem gostava de caçar ou pescar aproveitava bem o seu tempo, pois havia caça e pesca em abundância. [...]. Não faltava diversão e lazer para os turistas da época (STOLTZ, 1992, p.92).

Com os bons resultados alcançados com o hotel, Sonnenstrahl, constrói alguns chalés, muito requisitados pelas famílias vindas de Porto Alegre que lá permaneciam durante uns três meses. "A notícia e propaganda sobre o hotel no Caracol se espalhou e a partir daí o turismo em Canela" (STOLTZ, 1992, p.93). E, "a estrada de ferro [que] estava projetada para alcançar Canela em pouco tempo, [...] só chegou em 1924" (STOLTZ, 1992, p.93). Mesmo assim, antes disso, os hóspedes do hotel podiam ser recebidos na estação de trem mais próxima, que se localizava em Sander, e de lá, diligências os aguardavam para mais uma viagem, agora de oito horas até chegar ao seu destino final, que era o Caracol.

"O turismo, iniciado no Caracol, atraía cada vez mais gente" (STOLTZ, 1992, p.93), seja em épocas de estações estáveis ou mesmo durante o inverno, onde a atração principal era a neve, tanto para os imigrantes que já a conheciam, como para os que queriam conhecê-la.

Com intenções de aumentar suas propriedades, em "1918 a Cia. Florestal comprou de Sonnenstrahl a propriedade com todas as benfeitorias" (STOLTZ, 1992, p.93). E, como, não era intenção da Cia. Florestal fechar o hotel, esse, permaneceu funcionando sob nova administração. "Dessa vez aos cuidados do alemão Roberto José Werner. Houve melhoramentos e pequenas modificações" (STOLTZ, 1992, p.93). E, "passou a chamar-se Hotel e Pensão Werner" (STOLTZ, 1992, p.93). Esse foi "o primeiro lugar na região a receber uma estrutura de acomodações, com a intenção e hospedar pessoas" (ENGLERT, 2002, p.29).

E assim, “mesmo com o movimento do Caracol, o Canela permanecia quase despovoado. Desde o início da industrialização da madeira havia uma dezena de casas e, no decorrer dos anos, o número de serrarias, foi diminuindo” (STOLTZ, 1992, p.94).

João Corrêa Ferreira da Silva foi uma figura importante e de grande prestígio para Canela. Quando João Corrêa estava então com 19 anos, “teve a oportunidade de conhecer o Campestre Canella [ENGLERT, 2002, p.20] pertencente a Joaquim Gabriel de Souza, e, como muitos que ali transitaram se apaixonou pelo campo” (STOLTZ, 1992, p.95). “De profissão ferreiro, funcionário das oficinas da Viação Férrea do Rio Grande do Sul” (STOLTZ, 1992, p.95). Possuía a sensação de progresso em suas veias e, “principalmente, a vontade de estender estradas de ferro, pensando em levá-las até a terra de seus sonhos: Canela” (STOLTZ, 1992, p.95).

Cabe salientar que a posição-sujeito ocupada por João Corrêa que era ferreiro e foi aos poucos conquistando e “recrutando” pessoas que acreditavam na perspectiva do progresso do município, através da industrialização e do escoamento de seu produto via transporte ferroviário. Essa posição aparece no discurso, através do lugar que o sujeito ocupa, expresso por sua formação social, sendo assim, essa posição-sujeito também pode ser representada pelas formações ideológicas e discursivas através do enaltecimento do município associado à imagem de um idealizador.

As formações discursivas permitem compreender o processo de produção dos sentidos, em sua relação com a ideologia. Podendo ser definida “como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2010, p.43-80). Portanto, “as palavras remetem a discursos que derivam seus sentidos das formações discursivas, regiões do interdiscurso que, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas” (ORLANDI, 2010, p.43-80).

Segundo Stoltz (1992, p. 96) que é citado por Englert (2002), em 1903,

[...] João Corrêa e seu irmão Agnelo subiram a serra na tentativa de comprar Canela do então proprietário Ignácio Saturnino de Moraes, sem sucesso. Decidido a não desistir facilmente, conseguiu comprar uma boa parte de terras em volta do quadro do Canela pertencente [...] [ao] Fachinal, diretamente do capitão Felisberto Soares de Oliveira.

Uma parte dessas terras compradas pelos irmãos Corrêa, hoje fazem parte do município, estando localizadas “onde se encontra o Hotel Laje de Pedra” (STOLTZ, 1992, p.96; ENGLERT, 2002, p.22).

E foi assim, que pôde propor ao então governador Borges de Medeiros, a construção de uma estrada de rodagem até Canela. A estrada para veículos até Canela foi feita e “parte dela é a conhecida Avenida das Hortênsias que liga Gramado a Canela” (STOLTZ, 1992, p.96; ENGLERT, 2002).

Naquele mesmo ano João Corrêa ainda insiste em comprar o Canela, porém, continua sem poder tê-lo entre seus bens. Contudo, de acordo com Stoltz (1992), cinco anos mais tarde, ou seja, somente em 1908, enfim, consegue

[...] se [...] tornar o quinto dono do ‘quadro’ do Canela sendo senhor absoluto do campo. [E assim,] após 16 anos, o sonho se torna realidade: Canela agora lhe pertencia. [E agora,] não só Canela como boa parte das terras em torno dela, antes pertencentes aos donos do Fachinal (STOLTZ, 1992, p.97).

O ano de 1914 chega e de acordo com Stoltz (1992), citado também em Reis; Veeck; Oliveira (2009) é marcado pela inauguração de

[...] um trecho da estrada de ferro de 20 km entre Taquara e Sander, que não só facilitou o serviço de transporte de madeira das serrarias localizadas no Caracol, como também serviu aos veranistas que chegavam ali para seguir adiante até o hotel e pensões existentes em torno da cascata (STOLTZ, 1992, p.100; REIS; VEECK; OLIVEIRA, 2009).

O trecho até então concluído alcançou Gramado, tendo sido encampado e sua compra autorizada pelo governador Borges de Medeiros. Porém, o trem deveria chegar a Canela.

Nessa ocasião João Corrêa proferiu as seguintes palavras: ‘Canela será a Petrópolis do Rio Grande do Sul e verão, os homens de amanhã, se fomos uns utopistas ou se revelamos ao Rio Grande um dos mais belos e futuros recantos de seu território’ (STOLTZ, 1992, p.105; ENGLERT, 2002, p.24; REIS; VEECK; OLIVEIRA, 2009, p.44).

É muito provável que João Corrêa tenha se referido ao município de Petrópolis, no Rio de Janeiro, pois esse foi um “lugar que surgiu e se desenvolveu a partir do fluxo de visitantes” (DAIBERT, 2010, p.29). Essa citação remete ao conceito de imaginário

tratado por Gastal (2005, p.13) que o define, enquanto “sentimentos construídos em relação a locais e objetos (e, por que não, a pessoas?)”. E, indo além, Gastal (2005) refere Juremir Machado da Silva, que considera o imaginário como um reservatório em que se agregam

[...] imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida e, através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e aspirar ao estar no mundo. [...] o imaginário emana do real, estrutura-se como ideal e retorna ao real como elemento propulsor (GASTAL, 2005, p.74).

Ou seja, como “todo imaginário é [também] uma força que impulsiona indivíduos ou grupos” [em que], o homem [sujeito] age (concretiza) porque está mergulhado em correntes imaginárias que o empurram” (GASTAL, 2005, p.74-75).

A partir dessa posição de identificação com o desenvolvimentismo e o progresso mercantil que João Corrêa seguiu com a determinação de levar a estrada de ferro até Canela que ocorreu no período entre 1921 a 1924. E assim, “após 21 anos [...] foi feita a ligação de Canela à capital do Estado numa extensão de 58 quilômetros” (STOLTZ, 1992, p.106; ENGLERT, 2002).

Novamente, fazemos referência à Petrópolis, no que se refere às semelhanças que ocorrem entre esses locais, distantes em relação ao espaço, mas próximos em relação à construção do município e da visibilidade que adquiriram. Uma vez que em Petrópolis é “no ano de 1883, [que] a Estrada de Ferro Príncipe do Grão Pará começa a operar diminuindo o tempo e os transtornos da viagem da Capital a Petrópolis” (DAIBERT, 2010, p.28).

Durante o ano de 1924 várias pessoas compraram lotes de João Corrêa, antes da chegada do trem. Assim que a estrada de ferro e estação foram concluídas, [...], entre majestosos pinheirais e caneleiras, chegou apitando a primeira composição ferroviária e com ela o desenvolvimento e o progresso. [...] Mas a inauguração oficial da estação Canella foi [...] [alguns dias mais tarde] (STOLTZ, 1992, p.105; ENGLERT, 2002).

“Pode-se dizer que Canela começou com a chegada do trem” (STOLTZ, 1992, p.109), que trouxe consigo melhorias. Podemos considerar que Canela se transformou com a chegada do trem, mas que ela tenha começado efetivamente a partir do trem,

trata-se de um esquecimento da história anterior aos trilhos que foi narrada pelo próprio Stoltz (1992) e que passa a ser negada. Outras famílias começaram, anteriormente, suas vidas nesse território que desbravaram e fixaram suas raízes. Nomes anônimos que de uma forma ou de outra, tornaram possível que esse fato acontecesse.

Os trilhos do trem, em parte, “ficavam onde hoje situa-se a estrada asfaltada que vai a Taquara” (STOLTZ, 1992, p.109-110), onde ambos corriam paralelamente. O trem que subia a serra era composto pela locomotiva, mais quatro vagões, divididos em dois de passageiros, um maleiro e um de correio e mantimentos. Além deles, havia mais o trem de carga que trazia materiais diversos e na volta levava a madeira das serrarias mais sacos de farinha de trigo e erva-mate. “Saíam de Canela, em média, dois trens de carga por dia, levando a considerável quantia de sete vagões carregados de 60 dúzias de tábuas” (ENGLERT, 2002, p.28).

Nessa passagem, retomamos o que dissemos anteriormente, quando afirmamos que o trem trouxe melhorias. Os números expressos são suficientes para significar o que os trens, de passageiros ou de cargas, provavelmente representavam para a população. E, acreditamos que, em certas condições podemos dizer que sim, o trem melhorou a vida das famílias que dele dependiam, mas não podemos esquecer que ele também deixou um rastro de destruição, pois, segundo Travi (2013),

[...] o trem foi o maior responsável pelo desmatamento de nossa região – seja para fazer a ‘estrada de madeira’, seja para a queima para alimentar suas caldeiras, ou para levar embora a madeira nobre da araucária. Quantas árvores de madeira nobre ‘desceram’ ao chão para o trem poder subir a Serra! [E,] tudo tem um preço (TRAVI, 2013, p.25).

A chegada, “a estação terminal em Canela” era, de acordo com Stoltz (1992 p.109-110),

[...] sempre com um grande movimento de gente [...]. Muitos dos veranistas vinham para poder respirar ar puro [recomendações médicas principalmente para os que sofriam de tuberculose e esperavam com isso poder viver mais tempo], mas muitos residentes de Canela paravam do lado do trem cheirando a fumaça, entre eles muitas mães levando as crianças para fazer o mesmo, a fim de curar a coqueluche. [...] [Mas também, haviam] muitas mulheres [que] pediam ao maquinista carvão para com ele fazer chá.

Canela se tornou assim, um dos locais mais indicados para tais tratamentos, “e muitos dos que para lá foram acabaram ficando para sempre” (STOLTZ, 1992, p.110). Entretanto, “com o passar do tempo não era necessário problemas de saúde para visitar Canela. E os passageiros desembarcavam para conhecerem as belezas naturais da região” (ENGLERT, 2002, p.27).

Mais uma vez, nos remetemos à Petrópolis, para comentar essa passagem, já que essas buscas também ocorreram por lá. Afinal, “muitas pessoas veraneavam na cidade não apenas pelo clima ameno ou por descanso” (DAIBERT, 2010, p.28), mas também para fugir das epidemias que estavam assolando o município do Rio de Janeiro naquela época.

A cada dia que passava mais famílias chegavam às terras de Canela como proprietárias. E, “a partir daí a cidade começou a brilhar aos olhos dos visitantes que também compraram lotes, [pois queriam conhecer] o local da grande caneleira” (STOLTZ, 1992, p.111) e acabavam ali permanecendo.

Para melhor atender essa demanda que crescia, o primeiro hotel de veraneio foi construído pela família Corrêa em 1927, com a intenção de realmente “atender aos visitantes que aumentavam ano após ano” (STOLTZ, 1992, p.113). E assim foi criado o Grande Hotel Canela, sendo seu proprietário Danton Corrêa, filho de João Corrêa.

Atualmente, o Grande Hotel se mantém como um dos principais nomes da hotelaria local, mantendo a tradição iniciada por seus idealizadores. Mas, o mais interessante é o museu que se localiza nas suas dependências e que mantém desde então, viva as lembranças de hospitalidade familiar, mas que, além disso, mantém viva a história desses personagens que fizeram de Canela, um lugar melhor.

Além desse, também poderiam ser encontrados, o Floresta Hotel, o Hotel Bella Vista, o Paris Hotel, e as pensões Fleck, Canela, Canelinha e outras.

Segundo Stoltz (1992, p.118), entre os anos de 20 e 30

[...] era muito comum ver, principalmente aos domingos, vários canelenses [...] passeando em direção ao Laje de Pedra onde, [...], se encontrava um imenso abismo com uma ampla visão de quase 180° podendo avistar vales e morros a quilômetros de distância numa das mais belas paisagens do estado.

E assim, “rapidamente Canela vinha sendo reconhecida como a primeira estação de veraneio do Estado e, como tal, registrava um movimento intenso. As autoridades também faziam de Canela seu local de lazer” (STOLTZ, 1992, p.118). E, nos “anos trinta, a pacata cidade chegou a ser conhecida popularmente por ‘Estação Canella’, mais tarde recebendo o título de ‘Cidade das Hortênsias’” (STOLTZ, 1992, p.118).

Nessa passagem, podemos retornar aos “primórdios do turismo brasileiro no século XIX” (DAIBERT, 2010, p.28-29), pois é “nesse período que se desenvolve Petrópolis como primeira estância climática brasileira” (DAIBERT, 2010, p.28-29). E, além disso, “com o passar do tempo, os políticos, diplomatas e pessoas mais abastadas da sociedade carioca escolhem Petrópolis não só como destino de veraneio, mas também como local de residência” (DAIBERT, 2010, p.28-29).

As imagens divulgadas na época eram em sua maioria daquele pequeno povoado. Passar as férias em Canela era motivo de *status* para os porto-alegrenses, “uma reserva especial para aqueles que quisessem [...] visitar, [...] veraneiar ou residir” (STOLTZ, 1992, p.132), ainda mais se no pacote incluísse pegar neve e visitar a Cascata do Caracol. Os veranistas adoravam sua brisa refrescante e suas hortênsias ao chegar à Estação Canella. “A primeira Estação de Veraneio do Estado registrava um intenso movimento turístico. Muitos veranistas não se limitavam em descansar. Também tinham como preocupação ajudar no desenvolvimento da cidade” (STOLTZ, 1992, p.132).

“Até parece que logo após a emancipação de Canela, [em 1944] o movimento turístico também aumentou” (STOLTZ, 1992, p.143), os vários hotéis existentes no município, sejam os de Canela ou do Caracol, possuíam clientela assídua.

E assim, bem aos pouquinhos, nasceu um município, que conseguia atrair visitantes tanto no verão quanto no inverno. Afinal, de acordo com Stoltz (1992, p.146),

[...] Canela vem recebendo turistas desde 1915, fluxo iniciado no Caracol com a chegada de algumas famílias aos hotéis e pensões ali existentes. Com a chegada do trem em 1924, também estimulou a vinda de outros tantos curiosos para conhecer a estação de veraneio tão comentada.

“No princípio só havia mesmo a Cascata do Caracol para os visitantes, o que já era um prato cheio”. [...] Entretanto, não eram só as belezas naturais e clima que vinham

atraindo visitantes" (STOLTZ, 1992, p.147-148). Canela também estava sendo procurada por suas estruturas hoteleiras, gastronômicas e de lazer, algumas, herança dos imigrantes que um dia nela se estabeleceram e como exemplo, temos os famosos cafés coloniais.

### **Algumas considerações...**

Nesse artigo, abordamos o surgimento do turismo no município de Canela/RS, a partir da obra de Stoltz (1992). Para proceder à análise, partimos dos conceitos de cultura e ideologia que culmina no conceito de discurso fundador de um destino turístico.

O discurso fundador se mostra como uma região do repetível, como um espaço da memória do dizer, um lugar em que é possível construir limites e sítios de significância. Os discursos sobre Canela/RS nos levam ao evidente, a sentidos já dados, estabelecidos e estabilizados, entretanto, procuramos problematizar esses sentidos, que também podem ser outros, quando se remetem à memória discursiva, através daquilo que pode e deve ser dito, numa forte ligação com a ideologia, pois é através dela que o discurso faz sentido.

Observa-se o discurso fundador no diálogo entre as noções de ideologia e cultura mediadas pelas formas simbólicas e pela condição de significação e ressignificação, expressas através do imaginário. Dessa forma, o discurso fundador apresenta-se, intimamente, relacionado à historicidade, enquanto um sedimento de múltiplas camadas históricas e sociais na condensação de sentidos que produzem e fixam marcos através do enunciado de acontecimentos que assinalam etapas e rupturas, observadas a partir da história do município de Canela/RS.

O discurso fundador inicia com a negação da existência dos indígenas e com o apagamento de sua peculiar relação com a terra, tal abordagem mostra diferentes formações discursivas que reafirmam ou silenciam o que pode e deve ser dito sobre o passado de uma região. Os tropeiros são reconhecidos como aqueles que dão nome ao território e que por ele cruzam sem se fixarem. As disputas pela posse da terra são

apresentadas na continuidade dos acontecimentos, através do confronto entre as diferentes e distantes posições sociais de donos e de imigrantes. O advento da chegada do trem e a implantação das madeireiras são marcas tecnológicas e desenvolvimentistas que servem de ruptura com o passado para marcar o início do movimento turístico no município. Transporte, indústria, comércio e serviços de hotelaria são fatos históricos que contribuem para o surgimento do turismo que, por sua vez, está diretamente associado ao imaginário de fundação do município, outorgando notoriedade e um lugar na história a João Corrêa, guindado o fundador de Canela.

Esse recorte temático e o dispositivo-teórico analítico em funcionamento apresentam outras possibilidades para pensar a construção imaginária de um destino turístico, através do conceito de discurso fundador, amparado nas noções de cultura e ideologia. Trata-se de uma contribuição para novas interfaces em Análise do Discurso e também um aporte metodológico para abordar os estudos qualitativos no campo do Turismo.

### Referências bibliográficas

ARRUDA, Dyego de Oliveira et al. Artesanato com Lã de Ovinos, Turismo e Desenvolvimento Local. **PASOS**. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, Espanha, v. 11, n. 4, p. 661-670, out. 2013.

CAMPOS, Luciene Jung de. O museu é o mundo: a intervenção na cidade. **Revista Rosa dos Ventos**, v. IV, n. 4, p. 599-608, out./dez. 2012b.

\_\_\_\_\_. O artista popular assentado no museu. **Organan**, Porto Alegre, n. 53, p. 211-229, jul./dez. 2012a.

CORIOLO, Luzia Neide Menezes Teixeira. Epistemologia da análise do discurso no turismo. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 5, n. 2, p. 50-56, 2005.

DAIBERT, André Barcelos Damasceno. **História do turismo em Petrópolis entre 1900 e 1930**. 2010. 88 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Fundação Getúlio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Rio de Janeiro, 2010.

DE CONTO, Suzana Maria. **Anotações de aula, Disciplina Turismo e Desenvolvimento Regional, PPGTur/UCS**. 05 de Outubro de 2012.

DIAS, Reinaldo. **Introdução ao turismo**. 1. ed. 4. reimpr. São Paulo: Atlas, 2013.

ENGLERT, Suzana Vellinho. **Canela – a reconquista de horizonte: memórias e estratégias do sucesso**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

GUILLAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

MITTMANN, Solange. Discurso e texto: na pista de uma metodologia de análise. In: **II Seminário de Estudos em Análise do Discurso**, 2005, Porto Alegre. II SEAD. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, linguagem e efeitos do trabalho simbólico**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Discurso fundador** A formação do país e a construção da identidade nacional. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 9. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

\_\_\_\_\_. **Discurso em análise: Sujeito, Sentido e Ideologia**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. **Ler o arquivo hoje**. In: ORLANDI, Eni P. (org.) *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

\_\_\_\_\_. O mecanismo do (des)conhecimento ideológico. In: ADORNO, Theodor W. et al.; ZIZEK, Slavoj. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Tradução de Vera Ribeiro. 1. ed. 4. reimpr. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

REIS, Antônio Olmiro dos; VEECK, Marcelo Wasem; OLIVEIRA, Pedro Antônio de. **Canela: por muitas razões**. 2.ed. Porto Alegre: EST, 2009.

SANTOS, Raldianny Pereira dos. Sujeito, discurso e ideologia: a constituição de identidades na cultura midiática. **Culturas Midiáticas**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, vol. II, n. 1, p. 1-9, jan./jul. 2009.

STOLTZ, Roger. **Primórdios de Canela**/Nascente Turístico do RGS. 1.ed. [S.I.]. [s.n.]: 1992. Direitos reservados desta edição: Fundação Cultural de Canela.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TRAVI, Vitor Hugo. A estrada de madeira, **Nova Época**, p. 25, 10 maio 2013.

VASCONCELOS, Jose Antonio. História, Ética e Discurso Memorialista. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26., 2011. São Paulo. **Anais**. São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300870528\\_ARQUIVO\\_textocompleto.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300870528_ARQUIVO_textocompleto.pdf)>. Acesso em: 31 jul. 2014.

Recebido em novembro de 2014.

Aprovado em abril de 2015.